

BUENO, Ernani da Silva. Significativo êxito de um artista campineiro: fazendas velhas de café do município de Campinas. Correio Popular, Campinas, 22 jun. 1947.

## Janela aberta

*Correio Popular*  
22.6.47

Significativo êxito de um artista campineiro

### FAZENDAS VELHAS DE CAFÉ DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Departamento Estadual de Informações está distribuindo um album intitulado "Velhas Fazendas Paulistas" — coleção de aquarelas do desenhista José de Castro Mendes, do Instituto Agronômico do Estado, fixando para fins de documentação aspectos atuais de fazendas de café do tempo de cativo no município de Campinas.

O texto é de J. E. Teixeira Mendes e ele mostra que a disposição da propriedade agrícola e particularmente as suas construções revelam os processos dominantes na cultura cafeeira em cada um dos estágios em que — no seu modo de ver — ela se divide: o primeiro, baseado na existência do braço escravo — e que é o objeto da presente coleção de desenhos; o segundo, representado pela intensificação das correntes imigratórias; e o último, com o aproveitamento em escala maior do trabalhador nacional.

As senzalas que ficaram, por exemplo — mesmo com as transformações por que passaram — são documentos eloquentes, pois exprimem através da sua estrutura e dos seus detalhes um regime de trabalho e de relações sociais. Não se explicaria uma senzala longe das vistas do proprietário — escreve Teixeira Mendes. Todas elas se situavam nas proximidades ou mesmo fazendo corpo com a casa-grande. Característica era também — segundo ele — a existência de um único portão de entrada para ela, com janelas e portas abrindo somente para um pátio interno.

Era o clássico "quadrado" que havia na Fazenda Rio das Pedras — antiga Morro Alto — "como em todas as outras" — segundo escreveu nas suas Memórias o conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, que foi o dono dela em meados de século passado. O "quadrado" com as senzalas, pequenos quartos em volta de um grande pátio fechado por um portão que se trancava, à noite, com enorme e impressionante chave — no depoimento da filha do Barão Geraldo de Rezende, dono da grande fazenda campineira de Santa Genebra.

Tanto os "quadrados" das fazendas do Rio das Pedras e de Santa Genebra como os de várias outras — Bocaina, Cachoeira, Camandocaia, Macuco, Pedra Branca, Palmeiras, Três Pedras, Quilombo, Sete Quedas, Santa Isabel — estão reproduzidos nos desenhos de José de Castro Mendes. Evidentemente, as portas que aparecem ao longo dessas senzalas — pois esse é o seu aspecto atual — foram abertas depois da substituição do escravo preto pelo colono alemão, suíço, português ou italiano.

Sabe-se que já em 1857 havia diversas colônias de parceria, com trabalhadores estrangeiros, cuidando de café em fazendas de Campinas. Trabalhadores na sua maioria alemães ou suíços — mas também portugueses — nas fazendas de Boa Esperança, Tapera, Boa Vista, Sítio Novo, Laranjal, Soledade, Dores, São Francisco, Sete Quedas. Esta última era de propriedade de Joaquim Bonifácio do Amaral — o Visconde de Indaiatuba — que foi um pioneiro da substituição do trabalho escravo pelo livre. Já em 1852 ele fundara na sua fazenda de Sete Quedas uma colônia alemã. E em 1876 foi pessoalmente à Europa contratar trabalhadores no Holstéin.

O Visconde de Indaiatuba — que era fazendeiro progressista — foi também dos primeiros que, no município de Campinas, trataram de modernizar os maquinismos de preparo do café. Outro foi o Barão Geraldo de Rezende, cuja filha evoca assim Santa Genebra: "Pela rampa não muito forte, em parte calçada por grandes lajes, descia-se para a casa das máquinas. Aí também se sucediam os melhoramentos. Numa construção simples, mas ampla e arejada, encontravam-se as tuihas para os cafés beneficiados de diferentes tipos, e as salas de trabalho onde as raparigas amestradas, com grandes peneiras, procediam à escolha do café. Outras salas destinavam-se ao ensacamento e costura dos sacos, com barbante e grandes agulhas recurvadas".

Na fazenda Sete Quedas, do Visconde de Indaiatuba — como em algumas outras retratadas agora por José de Castro Mendes — pode-se observar que as "casas de máquinas" eram semelhantes às próprias casas-grandes. Assim em Anhumas, em Cachoeira, em Sta. Ursula e mesmo em Rio das Pedras, embora nesta última já se encontre um corpo da edificação modernizado. Aspectos diferentes apresentam as "casas de máquinas", das fazendas, Quilombo e Santa Genebra.

Além de senzalas, de ferreiros de "casas de máquinas", entretanto, o album reproduz uma série de casas-grandes, isto é, de sedes de fazendas de café do município de Campinas.

Nem sempre era bem escolhido o lugar onde elas se edificavam. Da Fazenda de Santa Genebra, por exemplo — que uma velha tradição dizia ter sido trocada, no passado, por dezenove mil e quinhentos, um ponche e uma faca de prata — escreveu a filha do Barão de Rezende, no seu livro de evocações: "Não souberam os primitivos donos escolher o local para a moradia; armaram a tenda na parte baixa da fazenda, quando uma esplendida meia laranja se erguia dos passos mais longe. Comodidade de serviço; era preciso ter os maquinismos à beira da água, e a fiscalização, dali, ficava mais fácil". O Barão quiz mudar o lugar da casa, mas acabou desistindo.

Muito característica dessas fazendas velhas era a disposição das alcovas em torno das salas amplas. José Luiz Barbosa de Oliveira, em nota publicada nas "Memórias de um Magistrado do Império", escreveu sobre a exceção que nesse particular representava a casa da fazenda do Rio das Pedras: "a construção da casa obedeceu a um plano muito mais inteligente. A casa mede 45 metros de frente, com dois grandes puxados para as dependências. Para dar luz direta, isolamento e ar em profusão a todos os comodios, a casa é dividida no sentido longitudinal, por largo corredor e os quartos distribuídos de ambos os lados. Assim todos possuem amplas janelas".

De qualquer forma as casas-grandes — sobretudo as maiores, Sta. Genebra, Sete Quedas, Sertão, Anhumas, Quilombo — eram por fora imponentes. E o album que deu motivo a estas notas fixa bem a fisionomia atual dessas "grandes residências caiadas de branco" que o reverendo Fletcher — percorrendo os arredores de Campinas, em 1855 — "avistou aqui e ali, entre o verde-escuro das plantações de café". Embora elas, ainda em 1860 — pelo menos segundo a observação do viajante Emilio Zafuar — não ostentassem o luxo e a riqueza das casas de fazenda do Bananal.

Em compensação, talvez tenham sido mais características que ao do Vale do Paraíba, do ponto de vista de uma possível "arquitetura do café". Quem sabe a gente pode dizer de casa, particularmente, aquilo que Sergio Buarque de Holanda, no seu prefácio à tradução do livro de Davatz, escreveu da propriedade agrícola: "Foi sobretudo no oeste paulista que o latifúndio cafeeiro veio a tomar caráter próprio, emancipando-se das formas de exploração agrícola estereotipadas desde a era colonial no modelo clássico do engenho de açúcar. Mesmo na província do Rio e em geral no Vale do Paraíba essa emancipação foi quase sempre deficiente e encontrou vivas resistências, só se impondo quando a lavoura cafeeira já tinha perdido ali sua pujança antiga. A fazenda de café fluminense contentara-se em copiar, nos tempos aureos, o tipo tradicional dos engenhos de cana, que tiveram suas terras de vocação principalmente no nordeste do Brasil".

Sê bem que muitas dessas fazendas velhas de café, na zona de Campinas, tivessem sido primitivamente fazendas de açúcar. Em Rio das Pedras, por exemplo, só em 1847 começou a avultar a plantação de café. E Santa Genebra — a velha Morro Grande dos canaviais — foi em 1852 que teve, o primeiro dos seus cafezais. — Ernani da Silva Bueno.

("O Estado de São Paulo" — 21-6-17)

N. R. — O album "Velhas Fazendas de Campinas", de autoria do nosso colaborador José de Castro Mendes, já está sendo distribuído pelo Departamento Estad. de Informações. A publicação desse trabalho é devida, em grande parte, ao entusiasmo de Menotti Del Picchia, que o levou ao D.E.I., na ocasião dirigido pelo jornalista Honorio de Syllos. "Velhas Fazendas de Campinas" constitui, em luxuosa edição oficial, vivo documentário das fazendas agrícolas deste município ao tempo da escravidão.